

## **HERDEIROS DE UM LEGADO ANCESTRAL: ALMA E FESTA DE UMA CIDADE CHAMADA PARINTINS**

Djane da Silva

Djane da Silva Sena<sup>1</sup>  
Neila Dourado Gonçalves Maciel<sup>2</sup>

Sena

Prof Dra Neila Gonçalves Dourado Macie

**RESUMO:** O universo amazônico explorado pelos Bois Garantido e Caprichoso relembra o que Loureiro identificou como um grande signo modulado pelo tempo, um universo repleto de seres, signos, e os mais variados significados. A cultura amazônica é resultante da miscigenação racial de integração cultural, onde a experiência da vida dos habitantes foi gerando, por sincretismo de elementos indígenas e europeus, uma cultura em que o devaneio do imaginário da sociedade ganhou especial importância. O Festival de Parintins é um espetáculo de proporções monumentais, a céu aberto, no meio da floresta e dos rios da Amazônia, um espetáculo a céu aberto, onde os Bois, Garantido e Caprichoso, se enfrentam para o deleite de cerca de 80 mil turistas. Tal como em um teatro, assistimos a uma epopeia cabocla onde personagens e elementos imaginários como fontes de ligação e origem através do mito que nada mais é do que a encenação poética da linguagem. Buscamos aqui compreender a importância da cultura do boi-bumbá para a região amazônica e como esta cultura se (re)constrói simbolicamente. Como resultados, identificam-se simbolicamente sujeitos e histórias comuns a outras que se revelam memórias de temas correlatos à cultura indígena, cabocla e religiosidade, narrativas simbólicas, transmitidas de geração a geração.

.

Palavras-chave: cultura amazônica, cultura popular, festas, imaginário, boi bumbá.

### **Vem pra Parintins. Vem pra cá, vem brincar de ser feliz**

Este trabalho é fruto da pesquisa que desenvolvo desde a graduação até chegar ao mestrado em Culturas Populares da Universidade Federal de Sergipe, sobre o Festival de Parintins. Esse caminho começou há muito tempo atrás, com minha avó brincando com o Boi Garantido pelas ruas da baixa do São José, bairro tradicional de Parintins. Ela casou e veio morar em Manaus. Nunca esquecerei do dia que ela reencontrou seu boi. Mesmo apenas pela TV, foi algo de uma ternura inexplicável. Ela passou a mãozinha e começou a chorar. Eu olhava aquilo e tentava entender aquele amor. Quando comecei a

---

<sup>1</sup> Programa de pós graduação em Culturas Populares. Universidade Federal de Sergipe.  
E-mail: lisblanc\_am@hotmail.com

<sup>2</sup> Programa de pós graduação em Culturas Populares. Universidade Federal de Sergipe.  
E-mai: neilamaciel@gmail.com

frequentar o festival, era minha vez de chegar e contar histórias para ela. De como o nosso boi estava lindo e merecia ser campeão. Ela se foi em 2012. Não me viu entrar na federal, nem pôde estar no meu baile de formatura, tampouco, estará no dia da minha qualificação/defesa de mestrado. Mas ele está sempre lá. O Boi Garantido. Minha avó acreditava muito na eternidade. Então quem sabe, não seja ela a incorporar em mim ao abraçar apaixonadamente esse boi?

O imaginário amazônico transcedeu as fronteiras da floresta, onde se vê nascer uma variedade de encantarias que guardam, abençoam, reverenciam e convivem harmonicamente com os caboclos e os ciclos da natureza. Essa é a história da minha gente. São as histórias que ouvi quando cunhantã. Essas histórias que eu gosto de contar são do antigamente. Mas o povo entendido deu de chamar isso de lenda. Todo mundo ri quando falo que converso com gente morta. Levei muito tempo para entender quem tanto conversa comigo. Não ria. Há algo de muito mágico naquele lugar. Por isso te convido a ouvir a história do meu povo e conhecer a minha cultura. Eu te convido a viajar no encantado que habita a Ilha Tupinambarana, minha Parintins, terra dos meus ancestrais, morada de contos, reino das encantarias e panteão de deuses.

Uma história moldada no mito que recriou e transfigurou a vida amazônica em realidade. Muito mais do que uma festa, são histórias de vida com vários legados. Um encontro de povos, de fé. Recriação, vida, crença, da aldeia e do terreiro. O palco disso tudo é a Amazônia, o pano de fundo é a majestosa imensidão verde, a Ilha Tupinambarana, a bela cidade de Parintins, localizada no estado do Amazonas. Em Parintins, além de se desenvolver processos altamente criativos, construiu um sistema cultural singular que se destaca atualmente como um pólo promissor da cultura popular, oriundo do saber fazer artístico em função do seu famigerado boi-bumbá. É aqui, no meio da floresta amazônica, que os Bois Garantido, o boi do coração na testa, representado pela cor vermelha, e o Boi Caprichoso, o touro negro com a estrela na testa, representado pela cor azul, se enfrentam.

Os diversos referenciais utilizados no festival, sejam indígenas ou caboclos, ligam-se à cultura e tradição popular, passada de geração em geração. Com o tempo e suas transformações, contribuíram para a construção de uma cultura contemporânea, que precisa ser entendida e devidamente estudada. De acordo com Assayag (1997, p.64), a mudança do bumba-meu-boi em boi-bumbá na região amazônica deu-se

justamente aos referenciais indígenas, enquanto Andrade (2002) nos ensina o boi-bumbá amazônico valoriza a cultura indígena - mesmo que de forma estilizada.

Hoje, o espetáculo do Festival de Parintins é dividido em 05 atos: Celebração Folclórica; Figura Típica Regional; Momento Tribal; Lenda Amazônica e Ritual Indígena, compondo um total de 21 itens para julgamento, tendo como pano de fundo uma temática definida de antemão pelo conselho<sup>3</sup> e comissão<sup>4</sup> de arte dos bumbás. Assim, trabalha-se na construção do discurso dos bumbás, os mitos selecionados são apropriados pela temática dos bumbás. Para Carvalho, na narrativa central, esses mitos são recontextualizados, na medida em que o discurso do evento consigna à festa popular o papel de uma manifestação herdeira direta e veiculadora de uma suposta essência ancestral, mítica.

Gosto da expressão Ilha da magia. Foi ali que a minha mente ganhou força, fúria, e alçou vôo. Como não sentir amor por um lugar que te dá tanto? Esse amor não é só meu, assim como não era apenas de minha avó, é de todo parintinense. É de todo mundo que ama essa festa. É aqui que a magia ganha vida. Do boto sedutor das águas que corre em liberdade pela margem do rio em noite enluarada, do Curupira que passeia nas veredas amazônicas, do assobio estridente da Matinta. São essas histórias, nascedouros vivos das encantarias, que são cantadas e decantadas em verso e prosa no bumbódromo.

O processo de pesquisa é devastador, revelador, transformador. É o momento que a sua criança ferida é curada. E a criança curada é pura criação, puro amor. E é assim que o amor vira arte. Assim, esse amor vai cosendo arte e folclore em nós bem apertados, para depois romper pela emoção de brincar de boi.

## **2. Vem pra nossa festa de índio, caboclo, de negro.**

A arte na Amazônia é milenar, está na ancestralidade desse imenso panteão verde. O parintinense utiliza o imaginário indígena para enriquecer seus mitos através da arte e a fé, sua extraordinária habilidade artística para criar embarcações, cestaria, panelas e vasos de barro e os adornos de pena. O caboclo recebe essa herança e

---

<sup>3</sup> A rivalidade no festival é tão grande que os bois adotaram nomes diferentes para suas equipes de trabalho.

<sup>4</sup> Idem

aperfeiçoa no grande ateliê que é a construção da brincadeira de boi. Parintins é tida como a "Florença Amazônica", como disse o diretor de teatro Gabriel Vilela, justamente por uma nítida vocação para a arte, percebida também pelo missionário italiano Miguel de Pascalle, formado na escola de belas artes da Itália. Pascalle encontrou na arte a maneira mais expressiva de externar sua gratidão à cidade e aos Parintinenses, fundou então uma escolinha de artes, espaço de aprendizagem no qual saíram nomes consagrados da arte parintinense, protagonistas nessa galeria da floresta. A história da arte em Parintins adquire personalidade própria, moldada a partir da natureza que circunda a cidade, influenciada pelos superlativos da região dentre eles, o Festival de Parintins, o maior festival folclórico do Brasil. Esse laboratório permanente de descobertas de matérias primas, de criatividade, de ousadia, de qualidade artística ultrapassou a fronteira da floresta e ganhou espaço em outros lugares, contribuindo, de forma significativa, para o avanço estético das manifestações da cultura popular no Brasil. Nesta pesquisa, vamos navegar pela arte cabocla e pela plenitude de sua criação.

Para Furlanetto (2011, p.03), o espetáculo do Festival de Parintins é uma espécie de ópera popular, uma peça teatral a céu aberto, resultante da união de elementos das culturas europeia, africana e indígena, no qual o boi é a principal figura de representação. Presente em diversas regiões do país, o eixo propulsor do folguedo se desenvolve, basicamente, em torno de um rico fazendeiro (elemento branco) cujo boi de estimação é roubado por Pai Francisco, negro escravo da fazenda que mata o animal do seu senhor para satisfazer o desejo de sua esposa grávida, Mãe Catirina, que quer comer a língua do boi. Pajés e curandeiros (elemento ameríndio) são convocados para reanimar o animal e, quando o boi ressuscita urrando, todos os brincantes cantam e dançam em redor do boi, em uma enorme festa para comemorar o milagre.

No final do século XIX, começava a história dos bois de Parintins, Garantido e Caprichoso. Tenório (2016, p. 66) nos informa que, nesta época, estabeleceu-se na cidade, o sr. Alexandre Silva, que comprou algumas terras de várzea na área do lago do Valente, há algumas horas acima de Parintins, onde passou a trabalhar com agricultura. Casou-se com uma mulher de ascendência negra e teve uma filha, a quem chamou de Alexandrina Silva, em sua própria homenagem. Alexandrina, mais conhecida por Xanda, seria a mãe de Lindolfo Marinho da Silva, que entraria para a história como

Lindolfo Monteverde, o fundador do Boi bumbá Garantido. Na mesma época, oriundo de Crato-CE, chegava a Parintins, o nordestino Roque Cid. Pedreiro com conhecimento autodidata em edificações. Pai de Nascimento Cid, Raimundo Cid (Mundico), Pedro Cid e Arthur Cid. Os irmãos Cid, com exceção de Mundico, seriam os fundadores do Boi Bumbá Caprichoso. Contudo, essa versão é contestada por alguns historiadores, inclusive no documentário, o amo do Boi Garantido, Tony Medeiros, comenta sobre Gonzaga, um dos fundadores do boi Caprichoso.

Segundo relatos orais, o boi-bumbá Garantido teria nascido em meados de 1913, com o curumim Lindolfo brincando com seu boizinho de curuatá pelas ruas da baixa de Dona Xanda. Aos 18 anos, acometido de grave enfermidade, Lindolfo prometeu à São João Batista: Se vencesse a enfermidade, colocaria o boizinho todos os anos para brincar nos festejos de São João. Até hoje, o Boi Garantido sai tradicionalmente as ruas na véspera de São João, para “pagar” a promessa. O Boi Garantido é conhecido como “O boi do povão”, possui um coração vermelho na testa e defende as cores vermelha e branca. Sagrou-se campeão no ano do centenário dos bumbás, em 2013. E é o atual campeão do Festival, feito que já repetiu 32 vezes.

Segundo a folclorista Odinéia Andrade *apud* Valentim (1999. p. 132), o Boi Caprichoso surgiu em 20 de outubro de 1913, também de uma promessa feita, desta vez, pelos irmãos Cid: se tivessem sucesso na nova terra (Parintins), colocariam um boi para dançar nas festas de São João. O Boi Caprichoso é conhecido como diamante negro, (figura 02) em razão deste ser todo na cor preta - ou o Boi de Parintins e possui na testa uma estrela, mas as cores que predominam são o azul e o branco. Possui 23 títulos e sagrou-se campeão no ano do jubileu de ouro do festival em 2015.

O festival folclórico foi criado em 1965, liderado por um grupo de jovens ligado à igreja a Juventude Alegre Católica (JAC), segundo Silva (2007, p. 26). Apesar do cristianismo e a cultura do boi-bumbá serem secularmente antagônicos, a maior parte da rapaziada da JAC era vinculada ao Boi Garantido e a finalidade do festival era contribuir para a construção da catedral de Nossa Senhora do Carmo. Com o festival, os bois passaram a se apresentar em um tablado, sendo avaliados em cinco quesitos: marcação, organização, vestuário, ritmo, animação e opinião pública. Localmente,

disputa-se a vitória entre dois bois, com implicações para a vida cotidiana, pois, em Parintins não se considera o vice-campeonato. Para o turista, trata-se de um espetáculo grandioso no qual a vitória de um ou de outro não assume maior consequência; seu interesse está, sobretudo, no espetáculo em si, no que este representa como novidade, no qual são exibidas manifestações culturais de um mundo ligado às narrativas amazônicas.

Em 1976, o artista Jair Mendes inseriu as artes plásticas no universo folclórico do Boi Garantido, de acordo com Tenório (2016, p. 192) criando a robótica, técnica responsável pelos atuais movimentos das gigantescas alegorias. Essa técnica foi sendo aperfeiçoada ao longo dos anos e outras novidades foram sendo introduzidas, e isso permitiu que os bois fizessem experiências a cada edição para chamar a atenção do público. Em 1978, o poeta Tonzinho Saunier inseriu os contos e lendas e Jair Mendes modificou a forma de fazer a estrutura do boi, antes feito com paus de igapós e talas de palmeiras, passaria a ser feito de fibras e esponjas. Em 1979, o artista Vandir Santos inventou e inseriu as alegorias em módulos. Foi a partir da década de 90, que surgiram as famosas alegorias articuladas.

Os artistas parintinenses são mestres na arte de criar alegorias de tirar o fôlego literalmente de suas respectivas torcidas. O espetáculo é cuidadosamente guardado a sete chaves para que o impacto seja ainda maior. São três dias que Parintins vive sob os holofotes da mídia e de uma plateia externa ávida por saber o que os bois reservam para cada noite. Turistas de todas as partes do mundo e cobertura de imprensa do país e do exterior, mostram o crescente investimento financeiro para a organização do festival e para a produção artística dos bumbás, bem como na qualidade do que se exhibe. Isso mostra que o espetáculo é, de fato, grandioso, constituído por enormes alegorias, luxuosas fantasias e efeitos de luz e de som cada vez mais sofisticados. A magnitude do espetáculo, aliado ao lugar onde se realiza, são elementos relevantes nas manifestações de estranheza e espanto presentes em avaliações de parte da mídia sobre Parintins.

#### **4. Nessa mistura meu nome é Brasil.**

O boi-bumbá, nascido da promessa, tem raízes fundas na religiosidade de matrizes africanas, também elas reinventadas na Amazônia, além de trazer marcas cruciais da presença negra na sua musicalidade. As populações indígenas ganham espaço nestas manifestações assumindo, progressivamente, seu lugar de protagonistas. É uma festa de rua, festa de todos e para todos. Cada um com seu Boi a celebrar uma parte importante do que Ihe define como

indivíduo neste lugar, espaço dos seus pertencimentos. O tempo da celebração é sempre um tempo de revisitar narrativas, mas também é tempo de negá-las, porque a festa também é o lugar onde é possível questionar a ordem, enfrentar as sombras, desafiar o poder, desconstruir hierarquias. Festa também é espaço de reconhecimento da luta de quem nos permitiu chegar até aqui e nos garantiu o fôlego para continuar. É a hora de reconhecer que a vida é feita na miudeza do cotidiano e que é esta grande maioria de anônimos que a História se faz todos os dias no silêncio da mata. É o momento ímpar de reafirmar nossas utopias. Um lugar e um tempo onde a alegria é a regra e a liberdade um direito inalienável.

O boi-bumbá é assim também. Uma festa longeva que ocorre na Amazônia há várias gerações, marcada pelas mudanças do tempo e ressignificada em diversos aspectos de modo continuado. Este laboratório permanente de descobertas de matérias primas, de criatividade, de ousadia, de qualidade artística que ultrapassou a fronteira da floresta e ganhou espaço em outros lugares, contribuindo, de forma significativa, para o avanço estético das manifestações da cultura popular pelo Brasil. A festa continua sendo a mesma sendo sempre outra, renovada e reinventada de modo sistemático. Mas de onde vem este desejo que se renova para celebrar outra vez? É a pergunta que as festas ajudam a responder. No limite, a festa nasce da alegria e também da tristeza. Celebramos para não deixar morrer a esperança, para que não se apague o riso, para que o sonho não desvaneça. Rimos para afastar as sombras do medo e do desencanto diário. Para afastar a dor e o cansaço da luta. A festa ajuda a não deixar esquecer que o sonho pode ser real em algum momento. Celebramos juntos porque compartilhamos a dor e a luta de ser e estar no mundo. Para superar nossas desigualdades porque a festa tem a potência de reduzir diferenças. Para quebrar o silêncio do preconceito e da invisibilidade da diversidade dos povos que fazem a Amazônia, pois como bem disse Peres (2002, p. 18): “A festa não é somente boa para dela se participar, é também boa para pensar, pensar os fundamentos do vínculo coletivo, o que faz sociedade.”

A Amazônia no imaginário dos invasores europeus sempre foi pensada como uma região na qual a maioria dos seres mitológicos, provavelmente poderiam ser facilmente encontrados. Ugarte (2003, p.04) enfatiza que as narrativas (escritas e orais) contadas pelos viajantes, reforçavam o imaginário permeado por mitos e cenários compatíveis com os que hoje são encenados na arena do bumbódromo<sup>5</sup>.

O próprio nome do maior estado da região Norte, parte de um imaginário mitológico. O “Rio das Amazonas”, como ficou conhecido já no século XVI o maior dos rios da imensa bacia

---

<sup>5</sup> Arena aonde os Bois Garantido e Caprichoso se apresentam no último final de semana do mês de junho.

hidrográfica da região teve seu nome em prol da lenda das Icamiabas<sup>6</sup>, as Amazonas<sup>7</sup>, depois que relatos mencionaram a existência de mulheres muito semelhantes a elas nas margens do rio. E assim começou a ser configurado um imaginário em torno da região amazônica cujos resquícios detectam-se ainda nos dias atuais.

Festas populares são momentos importantes porque abrem uma janela extraordinária para múltiplas dimensões da própria vida de um lugar, de uma sociedade, de um povo. Elas permitem recuperar traços da trajetória histórica de quem celebra, de como foi que chegou até aqui e que elementos em comum carregam para continuar a festejar. A história da arte em Parintins adquire personalidade própria, moldada da natureza que circunda a cidade, influenciada pelos superlativos da região.

Um devaneio que atua como ligação entre o real e o imaginário. Este último, atuando como o poetizante estetizador que é governado por um sistema de funções culturais. Um conjunto de relações culturais com o mundo, reguladas pelo poético que emana da liberdade do imaginário amazônico. Uma poética que se revela não somente nas criações dos diversos campos da arte, mas que também estabelece a forma de uma ética das relações dos homens entre si e com a natureza. Uma poética em ação que se instaura no cerne de uma cultura governada pela função estética do imaginário.

O universo amazônico explorado pelos Bois Garantido e Caprichoso relembra o que Loureiro (2015) identificou como um grande signo modulado pelo tempo, um universo repleto de seres, signos, e os mais variados significados. Na perspectiva de estudo de Loureiro (2015), a cultura amazônica é resultante da miscigenação racial de integração cultural, onde a experiência da vida dos habitantes foi gerando, por sincretismo de elementos indígenas e europeus, uma cultura em que o devaneio do imaginário da sociedade ganhou especial importância.

O sentimento maior de um boi que nasceu da força da representação popular e, portanto, pertence a várias gerações. Onde se exaltam as nossas cores, o nosso folclore, a nossa tradição de brincar boi, a nossa origem plural, o nosso compromisso com a cultura cabocla e com o legado indígena, elementos essenciais referendados na

---

<sup>6</sup> Mulheres guerreiras. Espanhóis que exploraram a região, em 1542, juram tê-las encontrado, pessoalmente, onde o Rio Nhamundá desemboca no Amazonas, perto da atual fronteira entre os Estados do Amazonas e do Pará.

<sup>7</sup> As Amazonas na mitologia grega, eram as integrantes de um antiga nação de mulheres guerreiras.

construção destes 100 anos de história, de dedicação e de valorização a cultura parintinense.

Uma paixão que começou ao redor da fogueira, entre gente simples e animada que dividia com Catirina e Pai Francisco o prazer de cantar e dançar. O prazer ganhou as ruas, invadiu as casas e praças. Embalado por uma multidão, cortejado por vaqueiros, o boi-bumbá chegou às quadras, subiu à rampa do tablado para finalmente se realizar na arena denominada “bumbodromo” apresentando um folclore encantador, emocionando gerações, popularizando a nossa cultura. Tudo isso com um talento nato que tem na criatividade sua principal ferramenta., São mãos caboclas que têm a responsabilidade de não colocar em risco a tradição que lhes foi repassada. Afinal, preservar nossas tradições é escrever com segurança mais cem anos de história para as futuras gerações.

As manifestações populares e o convívio com as rápidas mudanças empreendidas que pelas tecnologias contemporâneas nos modelos de vida e nos variados setores que nos revelam uma nova mística nas tradições. Não mais como "matriz engessadas com identidades fixas, mas como "motrizes culturais" em construção permanente. Dinâmicas e interativas, as manifestações culturais contemporâneas movimentam e garantem a continuidade das tradições. E, enquanto "motrizes alimentamos senso de uma identidade comunitária. Assim é o Boi-Bumbá: coerente com a sua vocação revestida de sentidos contemporâneos, incorporados da poderosa e eficiente sabedoria popular.

A cada ano, traz para a arena do festival, a ancestralidade e a herança histórica que nos chegam, no correr dos tempos, para celebrar a Amazônia e remexer por dentro o presente, o tradicional e o contemporâneo que, integrados à estética brincante promovem o festivo e o ritualístico. Face às referências do passado e às exigências do presente, opta em reordenar o universo simbólico e imaterial, acender as marcas culturais invisibilizadas da herança étnica afro-indígena e de outras culturas apagadas na história contribuíram com a construção das identidades parintinenses. Conseqüentemente, com a criação do Boi-Bumbá. Nessa perspectiva, o boi-bumbá cumpre mais uma vez o seu papel e sua responsabilidade social em defesa da história,

da cultura, da floresta. Clama pela preservação e desenvolvimento dos povos indígenas e das comunidades quilombolas. Faz do festival um encontro multicultural que, em mais de trezentos anos de colonização, aportou em Parintins e chega aos dias de hoje potencializada por este entrecruzamento étnico responsável por uma produção artística inevitavelmente auto-consciente, dinâmica, de gigantescas proporções, que se tornou referência mundo afora pela sua poética artística, qualidade plástica e espetacularidade.

Uma revisão constante das formas comportamentais da "sociedade tradicional", um diálogo sem medo. Nessa condição, o Boi de arena projetado para este festival tem a oportunidade de mostrar ao povo Parintinense e ao visitante, um pouco da história que foi excluída dos livros didáticos. Com o compromisso educativo como artistas e formadores de opinião, o boi-bumbá passeia pela gênese, memória e história do culto a arte em Parintins, suas influências externas, sua potência criativa, seus valores e costumes, seus processos transformadores na condição de festa e teatro performático, e assim, compor a vasta cena contemporânea da arte brasileira, Fator este fundamental para a valorização dos(as) Artistas e dos(as) autores(as) sociais parintinenses como centro de projeção cultural no cenário mundial.

Fazer este "boi" "bumbá" é ter o novo convivendo historicamente com o antigo, um reforçamento de identidades locais revitalizadas e o impacto da compreensão espaço temporal dos diversos Brasis. E perceber o fenômeno artístico manifestado no boi-bumbá como inter-relações onde arte e a vida não têm distinção. Uma Revolução Ancestral de Culturas e Sabedorias Populares. O boi-bumbá segue com a coragem dos seus Mestres e Griôs, presidente, diretores, músicos, brincantes, artistas, colaboradores, aderecistas, pesquisadores, comunidade, que regidos pela força ancestral, acreditam na continuidade das suas conquistas e dos avanços arte educativos, e que ajudam a criar o esplendor do Festival. Espaços estes, permanentes e ativos de trocas, alteridade, integração e inclusão social que alimentam a alma brincante amazônica contemporânea, rumo ao futuro.

Em Parintins, tal como em um teatro, assistimos a uma epopeia cabocla, repleta de personagens e elementos imaginários oriundos da amálgama que gerou o caboclo

amazônida. Isso vem do encontro de muitos povos, de muitas culturas, de um emaranhado de experiências. Sua gênese está nesse tempo de misturas, da colisão de conhecimentos, da diáspora humana no povoamento da Amazônia. Esse arquétipo se moldou nos superlativos dessa vastidão verde. Dominou de água, se embrenhou no interior da maior floresta tropical, caminha sobre a maior região brasileira e se apoia numa espécie de Olimpo submerso onde moram os encantados da cultura amazônica e prevalecem, principalmente, os valores ribeirinhos.

Os bois de Parintins vêm também para defender o "Eu" amazônico, negro, índio, caboclo e enfatizar a singularidade de identidades e (re)existências culturais ancestrais - "[...] reconhecimento de si, que desafia de diferentes maneiras e em diferentes formatos, a sujeição imposta, ainda materializada no racismo, nos preconceitos e discriminações" (SOUZA, 2011, p. 37). Uma revisão constante das formas comportamentais da sociedade tradicional, um diálogo sem medo do desconhecido e do novo. Fazer este "boi" "bumbá" é ter o novo convivendo historicamente com o antigo, um reforçamento de identidades locais revitalizadas e o impacto da compreensão espaço temporal dos diversos Brasis. E perceber o fenômeno artístico manifestado no boi-bumbá como inter-relações onde arte e a vida não têm distinção.

A cultura humana nos revela a tecedura entre homem e natureza, natureza transformada em arte, trama tecida de matéria prima. Fonte inesgotável do pensar, do criar e do saber, cravada na mente criadora de artistas que desfraldam em poesia a força do imaginário caboclo, do mito transfigurado em folclore, das encantarias que emanam do ermo amazônico, para habitar na gestualidade de nossa dança, no ritmo de nossas toadas e nas obras dos artistas dessa floresta que recriam a cultura popular num novo canto.

A arte na Amazônia é milenar, está na ancestralidade desse imenso panteão verde. Desde o imaginário indígena capaz de enriquecer seus mitos através da arte, até a extraordinária habilidade artística para criar embarcações, cestaria, panelas e vasos de barro e os adornos de pena. O caboclo recebe essa herança e aperfeiçoa no grande ateliê que é a construção da brincadeira de boi. Parintins é tida como a "Florença Amazônica", como disse o diretor de teatro Gabriel Vilela, justamente por uma nítida vocação para a arte, percebida também pelo missionário italiano Miguel de Pascalle, formado na escola de belas artes da Itália. Pascalle encontrou na arte a maneira mais expressiva de externar sua gratidão à cidade e aos parintinenses, fundou então uma escolinha de artes, espaço de aprendizagem no qual saíram nomes consagrados da arte parintinense, protagonistas nessa galeria da floresta.

A história da arte em Parintins adquire personalidade própria, moldada a partir da natureza que circunda a cidade, influenciada pelos superlativos da região dentre eles. Esse laboratório permanente de descobertas de matérias primas, de criatividade, de ousadia, de qualidade artística ultrapassou a fronteira da floresta e ganhou espaço em outros lugares, contribuindo, de forma significativa, para o avanço estético das manifestações da cultura popular no Brasil.

Nos dias atuais, o boi-bumbá de Parintins elegeu o elemento ameríndio presente na cultura popular regional, como o herói trágico do romantismo literário brasileiro – o “dono do país” antes da invasão portuguesa. Para Nakanome, (2017, p. 73) são diversas referências para a construção do olhar de determinada coisa, objeto ou indivíduo. Para o estudioso, artesãos e artistas construíram a personagem “índio” dentro da festa do boi bumbá a partir de um diversificado referencial que ultrapassa os fundamentos da cultura brasileira, a educação tanto sistemática quanto vivência e a mídia e seu imenso universo de informações “verdadeiras” ou espetaculares.

A representação do signo índio no festival se vale de inúmeras fontes nas quais a toada se destaca como um dos instrumentos mais difusores de pensamentos e ideologias, que reafirmam conceitos que passam a dominar o imaginário popular reproduzido em festas regionais do norte amazônico, onde os artistas dos bumbás apresentam seus trabalhos, sejam alegóricos ou figurinos. Segundo Nakanome (2016, p. 73), esse “novo índio”, construído no imaginário do artista parintinense, que transforma o “índio folclórico”, lúdico de plumas coloridas, no “índio espetacular”, de efeitos *high tech*, inclusive, um possível promotor de uma nova consciência política e identitária. Como escreve Nogueira (2014):

Os artistas colhem narrativas da vivência cotidiana dos cidadãos, dos caboclos e indígenas, principalmente em fontes primárias e secundárias, entre elas contadores de histórias, livros, e documentos religiosos e, assim realizam a interpretação artística da produção intelectual dos povos amazônicos é essa mistura de visões de mundo e experiências da vida nos rios e nas florestas que se manifesta na festa dos bois-bumbás de Parintins e nas demais festas que estão sob a sua influência, entre elas a Ciranda de Manacapuru, os Cordões de Peixes de Barcelos, a Dança das Onças de Tabatinga, no Amazonas; e o Festribal de Juruti e os Botos-Vermelho e Tucuxi, de Alter do Chão no Pará. (NOGUEIRA, 2014, p. 171).

É a partir deste ponto de vista e através de uma diversificada teia de referências que se alinham as informações sobre o indígena, cultura brasileira, tecendo no imaginário da nação

uma visão em torno do signo “Índio” pluralizada e abarrotada de leituras, lugar próprio da arte, base da formação cultural e educacional no Brasil. A construção do signo “índio” é consciente de que se trata de um olhar sobre o indígena e não a representação fidedigna deste. Conforme nos informa Silva (2007, p. 157) trata-se de um índio estilizado, para melhor concepção do personagem e formatação do espetáculo. O índio real não serve. É preciso, então, construir, imaginar, criar esse índio almejado.

Para Carvalho (2014, p. 273), é possível afirmar que a construção das bases que sustentam o espetáculo coincide com um discurso esteticamente formulado de maneira a evocar uma consciência temporal baseada em fragmentos de momentos indeterminados de um imaginado passado ancestral, propondo-se a reconstruir significados de lendas e mitos seletivamente recuperados. A estrutura envolve, principalmente, aspectos épicos. Por exemplo, a vitória do herói, o Pajé da tribo, o qual, na cena do Ritual, derrota uma força identificada com o “mal”, salvando o seu povo. Esta força maligna é sempre personificada por uma figura lendária, selecionada da mitologia amazônica. Outras vezes, englobar narrativas que pretendem retratar um cotidiano - do qual apenas restam elementos residuais na memória coletiva, cotidiano esse a ser ressignificado e reconstruído. E em outras, retratar lutas contra o branco invasor, destruidor.

A cultura mística da Amazônia, um mundo de seres encantados, entes da floresta, ora protetores, ora guardiões e heróis do imaginário indígena-caboclo. São eles que protegem a floresta e fazem dela um lugar mágico e onírico. A imaginação que ilustra a ficção da cultura dos povos da Amazônia em sua cenografia e encenação faz com que o acabamento, originalidade e desenvolvimento sejam quesitos de julgamento. O imaginário dos povos da Amazônia constitui um rico arcabouço para os espetáculos folclóricos dos bois de Parintins, personagens e elementos imaginários como fontes de ligação e origem através do mito que nada mais é do que a encenação poética da linguagem. É na arena do bambodromo de Parintins que esses seres do imaginário ganham formas e vida.

Neste sentido, Lotman (1996 *apud* MACHADO, 2003, p. 30), afirma que a herança de tradições remotas funcionou como um programa de ação, de intervenção e de experimentação. E que, assim, a tradição seria continuamente recriada, traduzida, fazendo com que o novo sistema se tornasse tributário de outros, que não foram, assim, destruídos, mas recodificados.

## **Considerações Finais**

As manifestações populares e o convívio com as rápidas mudanças empreendidas pelas tecnologias contemporâneas nos modelos de vida e nos variados setores da sociedade revelam uma nova mística nas tradições. Não mais como "matrizes engessadas com identidades fixas, mas como "matrizes culturais" em construção permanente. Dinâmicas e interativas, as manifestações culturais contemporâneas movimentam e garantem a continuidade das tradições. E, enquanto "matrizes", alimentam o senso de uma identidade comunitária. Coerente com a sua vocação revestida de sentidos contemporâneos, incorporados da poderosa e eficiente sabedoria popular. Chegam, no correr dos tempos, para celebrar a Amazônia e remexer por dentro o presente, trazendo para a arena do Festival, a ancestralidade e a herança histórica, integrados à estética brincante, no festivo e o ritualístico. Face às referências do passado e às exigências do presente, opta em reordenar o universo simbólico e imaterial, acender as marcas culturais invisibilizadas da herança étnica afro-indígena e de outras culturas apagadas na história que contribuíram com a construção das identidades parintinenses, conseqüentemente, com a criação do Boi-Bumbá.

Nessa perspectiva, os Boi de Parintins cumprem o seu papel e sua responsabilidade social em defesa da história, da cultura, da floresta. Clamando pela preservação e desenvolvimento dos povos indígenas e das comunidades quilombolas. Faz com que a colonização que aportou em Parintins, chegue aos dias de hoje potencializada por este entrecruzamento étnico responsável por uma produção artística inevitavelmente autoconsciente, dinâmica, de gigantescas proporções, que se tornou referência mundo afora pela sua poética artística, qualidade plástica e espetacularidade, com seus corpos brincantes, políticos, coletivos, belos, expressivos e performativos. Corpos marcados com os traços da personalidade de cada etnia constituinte da sua/nossa memória e história. Releitura de si mesmo, enfendendo-se parte integrante do todo que se forma e se reconstrói para dar continuidade à tradição e extravasar anseios, angústias, tristezas, alegrias e sentimentos amazônicos.

O festival de Parintins hoje é muito mais do que um mero espetáculo, mas como também um modo de fazer, uma técnica, um bem cultural de natureza imaterial não apenas para a população brasileira, mas quiçá o mundo. Pois tem demonstrado, sua importância ao ressaltar as culturas indígena, afro e cabocla, a miscigenação, a religiosidade, valorizando narrativas simbólicas dos povos que constituem a identidade do povo amazônico. Uma cultura que cria e recria, inventa e se reinventa, mantendo essa tradição do boi-bumbá de Parintins que vai passando de geração a geração e que já perdura há mais de 50 anos. Tudo isso, sustentado pelos

Bois Garantido e Caprichoso, representados simbolicamente pelas cores vermelho e azul, respectivamente. Percebemos, assim, o porquê dessa festa ser plena dos mais variados significados. Desta forma, imaginários, histórias e as memórias dos povos aqui mencionados, encontram no festival, significância e se contextualizam num elo simbólico que envolve tradição e modernidade.

Esta pesquisa buscou também compartilhar parte do processo criativo, percebido, vivenciado e elaborado como espetáculo e somar-se ao esforço de tantos estudiosos do tema e criar um arcabouço epistemológico dentro do Festival de Parintins, o que certamente servirá futuramente para dar sustentação e contribuir com esta área de conhecimento que ainda carece de legitimação.

## REFERÊNCIAS

- ASSIS, Cássia Lobão . Estudos contemporâneos de cultura / Cássia Lobão Assis, Cristiane Maria Nepomuceno. – Campina Grande: UEPB/UFRN, 2008. 15 fasc. – (Curso de Licenciatura em Geografia – EaD).
- AYALA, M. Cultura, etnia e identidades: memória e resistência na cultura popular. In: As Ciências Sociais: desafios do Milênio. Natal/RN: EDUFRN/PPGCS, 2001. p. 508-516.
- AMÉRICO, Ekaterina Volkova. *Alguns aspectos da semiótica da cultura de Iuri Lótman*. 2012. Tese (Doutorado em Literatura e Cultura Russa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8155/tde-07112012-124602/pt-br.php>. doi:10.11606/T.8.2012.tde-07112012-124602. Acesso em: 2021-04-20.
- BRAGA, Sérgio Ivan Gil. *Os bumbás de Parintins*. Rio de Janeiro: Funarte/ Editora Universidade do Amazonas, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Cultura popular, patrimônio imaterial e cidades*. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2007.
- CARVALHO, Rui Manuel Senico. *Parintins: Boi-Bumbá e afirmação identitária. discurso, representações, sonoridades e identidade no Amazonas contemporâneo*. Campinas, 2014.
- CANCLINI, N. G. *Culturas populares no capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- FURLANETTO, Beatriz Helena. *Território e Identidade no Boi-Bumbá de Parintins*. Revista Geográfica de América Central [en línea] 2011, 2 (Julio-Diciembre). Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/48869325.pdf>. Acesso em 29.04.2021.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. *Cultura Amazônica: Uma Poética do Imaginário*. 5ª edição. Manaus. Editora Valer. 2015.

ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. Tradução Pola Civelli. São Paulo: Perspectiva, 2016.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. *Cultura Amazônica: Uma Poética do Imaginário*. 5ª edição. Manaus. Editora Valer. 2015.

MACHADO, Irene. *Escola de Semiótica*, São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

NAKANOME, Ericky da Silva. *A representação no Indígena no Boi-Bumbá de Parintins*. Salvador. UFBA, 2017. Disponível em

[http://www.ppgav.eba.ufba.br/sites/ppgav.eba.ufba.br/files/producaocientifica/ericky\\_da\\_silva\\_nakanome.pdf](http://www.ppgav.eba.ufba.br/sites/ppgav.eba.ufba.br/files/producaocientifica/ericky_da_silva_nakanome.pdf). Acesso em 29.04.2021.

PERES, Léa F. Antropologia das efervescências coletivas. In: A festa na vida – significado e imagens. Org Mauro Passos. Petropolis/RJ, Vozes, 2002. Vários autores. p. 15-58.

Revista Boi Caprichoso 2013. *O centenário de uma paixão*. Caprichoso, Parintins, 2013.

Revista Boi Garantido 2013. *O Boi do Centenário*. Parintins, 2013.

SILVA, Aracy Lopes da. *Mitos e cosmologias*. Disponível em: <<https://pib.socioambiental.org/pt/c/no-brasil-atual/modos-de-vida/mitos-e-cosmologia>>. Acesso em 29.04.2021 as 22:45.

TENÓRIO, Basílio. A cultura do boi bumbá. Parintins-AM: Editora e gráfica João XXIII, 2016.

VALENTIN, Andreas. Caprichoso, a terra é azul = The Amazon Music a da dance festival. Andreas Valentin, Paulo José Cunha. Rio de Janeiro. 1999

ZAMBONI, Silvio. A pesquisa em arte. 3ª edição. Campinas, SP. Autores associados. 2006. Coleções polêmicas do nosso tempo, 59.